

ENTREVISTA

NOVOS MODOS DE SE VIVER DE MÚSICA

Guilherme Bryan

Doutor em Meios e Produções Midiáticas pela ECA-USP, Mestre em Comunicação e Cultura pela ECA-USP e Professor do Centro Universitário Belas Artes.

O cantor e compositor Leoni lançou em 2015 o CD “Notícias de Mim”, financiado por meio de crowdfunding, e conta como optou pelo caminho da economia criativa.

Para o pesquisador e escritor John Howkins, autor do livro “Economia Criativa”, a música é o mais intangível, mas, ao mesmo tempo, um dos campos de maior penetração da economia criativa. Considerandose um músico autoprodutor, o cantor e compositor Carlos Leoni Rodrigues Siqueira Júnior, ou, simplesmente, Leoni, resolveu apostar no caminho de desenvolver uma gravadora própria e

agora acaba de financiar seu mais novo álbum, “Notícias de Mim”, um dos mais autorais e livres da carreira, por meio do crowdfunding, um sistema de arrecadação de dinheiro pela internet em que os investidores se beneficiam com produtos oferecidos pelo próprio artista. A ideia era arrecadar 120 mil reais, valor ultrapassado em 12 mil durante 34 dias, tempo médio nesse sistema. As recompensas oferecidas iam desde apenas o áudio do CD até a pessoa física virar musa de uma música numa versão especial do álbum, tendo algo da biografia dela citada na letra. Na parte corporativa, incluía ter a logomarca no CD e show de graça para os funcionários da empresa.

Reconhecido como autor de clássicos da música pop como “Como Eu Quero”, “Educação Sentimental”, “Garotos”, “Garotos II”, “Só Pro Meu Prazer” e “Dublê de Corpo”, Leoni fez parte das bandas Kid Abelha e os Abóboras Selvagens e Heróis da Resistência, e segue em carreira solo desde 1993, tendo lançado doze discos. Também tem se destacado por se envolver em causas em prol dos compositores no Brasil, como o caso da PEC da música e da CPI do ECAD (Escritório Central de Distribuição e Arrecadação), ambos envolvendo a questão da arrecadação de direitos autorais no país. E é um dos maiores defensores da livre circulação da música na internet.

GUILHERME BRYAN: Como surgiu a ideia de realizar “Notícias de Mim” por meio de crowdfunding?

LEONI: Eu estava lançando apenas músicas na internet e um monte de gente, na página do Facebook e nos shows, pedia para fazer um disco novo. Eu duvidei um pouco dessa disposição e pensei: “Se os caras toparem financiar é porque querem mesmo”. Então era um teste para saber se ainda valia a pena fazer um CD. Estava preparado até para não ter esse dinheiro. Como rolou e tem gente que quer o disco, fizemos. Fiquei muito feliz de saber que tem gente interessada ainda. É bacana, porque já tem a resposta antecipada de que o público ainda acha relevante o trabalho de mais fôlego e, como coloquei todos os custos ali, eu não tive que botar a mão no bolso para fazê-lo, e ficou até grande, com 13 músicas. E o público queria mais, que eu regravasse meus singles, fizesse algumas versões ao vivo. Se tivesse quarenta músicas, eles iam adorar.

GUILHERME BRYAN: Você acredita que esse método de financiamento coletivo é o caminho para a música e para as artes de um modo geral?

LEONI: Não acho que é o caminho, mas um caminho. Vai conviver com vários caminhos. Ainda tem gente que tem gravadora, muito pouco, e eu acredito que os players de streaming, caso do Spotify, começarão a produzir material

Novos modos de se viver de música | Bryan, G. próprio, como o Netflix faz de cinema. Eles já têm feito com algum material inédito ao vivo. Você vai para o estúdio, grava e aqueles fonogramas, no mundo virtual, só podem ser veiculados por eles. Ou seja, existe uma série de caminhos possíveis dentre um monte de ferramentas que será preciso para manter a cultura girando. O crowdfunding é um deles e é bacana para quem tem público. Também acho que para fazer cultura no Brasil, o que não é fácil, precisa ter apoio governamental e a Lei Rouanet ser repensada, com editais.

GUILHERME BRYAN: Mas é um mundo melhor do que quando só havia as gravadoras?

LEONI: Muito melhor. Primeiro que você só tem que agradar o público, que, na verdade, era o que tinha que fazer antes, mas tinha no meio do caminho diretor de marketing, de vendas, etc, e ficava aquela possibilidade de não agradar a rádio tal, que está tocando. Agora não. Se você tem um público interessado, não pede nada a ninguém, nem precisa tocar na rádio tal e fazer sucesso nacionalmente, pois já tem determinado reconhecimento de nicho. E a gente tem muito mais autonomia, pois o orçamento que recebemos é todo nosso. Podemos gastar do jeito que quiser, em comum acordo com o público. No meu caso, que recebi mais dinheiro, negocieei com o público o que faria com ele. Então, botei cordas numa música que eu achava que precisava,

mas que não teria como. Mas também ofereci a possibilidade de colocar metais em outra ou gravar mais uma faixa. Negociei com o público, sem precisar falar com mais ninguém. É preciso agradecer apenas as pessoas que já gostam de você, o que facilita muito.

Bryan, G. | Novos modos de se viver de música

GUILHERME BRYAN: O que é ser um músico autoproductor, como você gosta de se chamar?

LEONI: Eu sou tudo – minha gravadora, meu divulgador, etc. Hoje mesmo liguei para o cara que está fabricando o CD, porque ainda não mandou a prova para eu saber se está boa. Conversei com o cara da editora para liberar os direitos de outros autores. Sou eu que faço. Mas não é um trabalho tão complexo assim, pois só faço para mim. A própria divulgação é diferente. Farei pela internet e ligarei para os jornalistas. Então, fica uma relação mais pessoal. Portanto, acho que nunca tive tanta autonomia para fazer as coisas. A capa sou eu quem decido, assim como quem fará os arranjos e tocar. É uma liberdade artística muito grande. Você tem que tomar decisões que nem imaginava em relação se a capa será com um verniz fosco ou laminação fosca. A gente passa a conhecer também. Mas as pessoas têm certo receio de botar a mão na massa, de que não dará conta, pois é muita coisa. É, mas que você faz em momentos diferentes tranquilamente. Um disco não é algo que vá me deixar muito assoberbado.

GUILHERME BRYAN: Você é um praticante da economia criativa?

LEONI: Eu não entendo muito o termo economia criativa. Quando falaram que criariam uma secretaria de economia criativa, vi com certos maus olhos, pois minha impressão era que iriam mercantilizar a ideia. Mas, num outro prisma, o que eu faço é ter uma

ideia, perguntar para as pessoas se elas querem que eu realize e fazer. E até faço coisas que não fazem parte da economia criativa. Por exemplo, eu escrevo poesia porque gosto e nunca publiquei. Essa criação faz parte da minha vida, mas sem uma remuneração para isso. É mais para satisfação pessoal do que para o bolso. Só que eu vivo da minha música e, atualmente, sem qualquer vínculo com alguma empresa – gravadora, editora multinacional, etc. Eu vivo dessas novas relações com o público que foram facilitadas por essas ferramentas – o computador e a internet. Antes, a gravadora adiantava um dinheiro para a realização do projeto e depois pegava ele de volta com o público. Agora, quem adianta o dinheiro é o público e você devolve em produto ou serviço, como um almoço na minha casa com um show, o que não dá nem para dimensionar em termos de grana.

GUILHERME BRYAN: John Howkins afirma que a música é o mais intangível, mas também um dos maiores setores em termos de

penetração na economia criativa. Você concorda?

LEONI: A música cria infinitos empregos, que a gente nem sabe que são relacionados a ela. Você pega um bar que tenha música ao vivo. Aí tem o cara que faz o som do bar, outro que faz a luz, mas vende mais bebida porque tem aquele show ali também. Tem o cara que fez o transporte do equipamento. E gente tocando tem no Brasil inteiro em infinitos lugares. Então, é realmente muito grande. Das artes, é a que tem mais ramificações e é mais espalhada pelo país todo. Mas, por outro lado, é difícil mensurar. Ainda mais no Brasil que é um país muito musical.

GUILHERME BRYAN: Por que você se relaciona com as redes sociais e como elas te auxiliam?

LEONI: Eu faço questão de ter as redes sociais, pois fiquei oito anos sem gravadora no fim do milênio passado e não existia uma ponte possível do artista com o público. Se não tivesse uma gravadora para te colocar no rádio e na televisão, você simplesmente sumia. Um mês depois de lançar meu primeiro disco independente, em 2002, quando a Internet não era forte no Brasil, passava nas ruas e as pessoas diziam: “Ih, desistiu, Leoni? Por que não faz um disco novo?”. Fiquei chocado, pois fiz um disco novo e ninguém tomou

Novos modos de se viver de música | Bryan, G. conhecimento. E a internet possibilita que você diga pelo menos para quem está interessado. Era minha preocupação em 2002: como eu crio um canal direto com o público que gosta de mim? Na época, eu precisava vender 10 mil discos para que fosse viável gravá-lo. Será que não tem 10 mil pessoas que gostam do meu trabalho por aí? Eu sei que tem, mas como chego nelas? Quando apareceu a internet, eu caí de cabeça mesmo. Falei: “É isso. Vou criar uma relação direta com essas pessoas. Elas vão saber o que estou fazendo e participarão, inclusive, da criação do trabalho”. Fazer isso tornou as pessoas próximas e participativas. Durante a captação, pelo menos sete pessoas dedicaram algum tempo a avisar os amigos que eu tinha esse projeto. É mais do que um público. Viram colaboradores mesmo. Pessoas que acham que vale a pena que aquele artista lance um trabalho novo. Então vão ajudar. Eu também colaboro com artistas nacionais que vejo que estão ralando para conseguir dinheiro.

GUILHERME BRYAN: Como você vê atualmente a arrecadação de direitos autorais no Brasil?

LEONI: A arrecadação melhorou. Existem regras melhores, mas quase nada foi aplicado ainda, porque existe uma regulamentação que deve sair esse mês. Então o ECAD preferiu dizer que não pode aplicar nada enquanto isso. Só que já tem uma certa abertura

democrática ali dentro. Ainda está engatinhando, mas, por conta dos acordos que foram feitos, muita gente recebeu dinheiro que estava retido porque contra tudo o ECAD ia para tribunal. Entre eles, acordos com a Globo e com a Net, e esse dinheiro foi distribuído para os autores. Ainda estamos no começo do caminho. A Lei dos Direitos Autorais, depois de infinitas consultas públicas e audiências durante a gestão dos ministros da cultura Juca Ferreira e Gilberto Gil, nunca chegou nem no Congresso. E tem muita coisa necessária em relação ao digital. Na época não tinha nenhuma possibilidade de remuneração. Agora tem através do Spotify e do YouTube. Aí descobrimos que as gravadoras meteram a mão no dinheiro que vinha desses players. Então demos um bom primeiro passo, reorganizamos a gestão coletiva de direitos autorais, mas tem muita coisa pela frente. Então a discussão importantíssima agora é que as gravadoras aplicam na distribuição dos direitos digitais as porcentagens que elas aplicavam ao disco nos contratos dos anos 80 e 90. O artista ganhava 15%, mas a gravadora fabricava, distribuía, armazenava, comercializava. Hoje não tem esse custo e não tem porque manter esses níveis tão baixos de remuneração para o artista. Existe um movimento dos artistas receberem 50%, pelo menos. Tudo bem que as gravadoras continuem ganhando com os fonogramas, mas não pode remunerar tão mal os artistas por contratos que não foram assinados para isso. Mas o ECAD ainda não está democratizado,

ainda é um feudo. As sociedades pertencem às editoras, às gravadoras, a outras pessoas, a todos, menos aos autores.

GUILHERME BRYAN: A arrecadação de direito autoral permanece sendo um modo de exclusão social?

LEONI: Quando eu disse isso estava comentando a respeito de uma festa junina, na qual o ECAD cobra execução pública das músicas. Aí uma escola particular tem o dinheiro, paga e tem a festa. A escola pública que não tenha dinheiro em caixa, não tem como pagar o ECAD e não tem festa junina. Então, o direito autoral acaba beneficiando quem tem grana e prejudicando quem não tem. E a música, como toda arte, é social. Tem uma hora que ela tem que pertencer à sociedade e não pode excluir os já excluídos. Trata-se da circulação da cultura, o que tem que vir na lei de direito autoral, que está parada.

GUILHERME BRYAN: Num ambiente como o da Internet, em que se presencia a criação coletiva e a mistura de obras, como fica a questão dos direitos autorais?

LEONI: Eu sou de uma postura de liberar tudo, porque está tudo de graça na Internet, ou pelo menos não punir as pessoas. Não vamos atrás do usuário que baixou música, teoricamente, de forma ilegal. Não podemos punir quem gosta da gente.

Não podemos fazer isso com nosso público. Eu dou minhas músicas, ao mesmo tempo em que vendo. Vários estudos mostraram que quanto mais você dá a música, mais ela vende e circula. Quanto mais protege, menos ela vende, porque menos gente conhece. Mas tem muita discussão ainda a ser feita. Eu acho que é mais fácil receber dinheiro dos players de streaming que estão se popularizando no mundo, porque é só música e você sabe para quem vai aquele dinheiro. Se você pega no YouTube um vídeo com a música do Barão Vermelho, mas o cara pegou fotos de um monte de gente e um pedaço de filme de não sei quem, como você distribui esse dinheiro? Então temos que passar por uma discussão a respeito do que é autoria para poder remunerar os autores num caso como esse de autoria coletiva. Só que, por enquanto, está só no pode ou não pode. E na internet não tem não querer.